ESCOLA QUE ATENDE À EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

DAIANE SOUZA ROSSI

RESUMO
O trabalho apresenta a importância da literatura infantil na pré-escola, onde incentiva os alunos a escreverem e lerem com mais facilidade e prazer, mostrando-lhes que pessoas que leem com mais frequência, estão mais capacitadas a uma escrita mais coerente e interessante, onde se encontra menos erros ortográficos. O incentivo à leitura e a literatura aos pequenos muda completamente a vida escolar deles quando estiverem no Ensino Fundamental e os prepara para uma escrita espontânea e uma vontade de ler única na vida deles. Através de pesquisas bibliográficas e contata-se que o processo da literatura infantil foi iniciado mais precisamente no século XVI onde iniciou-se a chamada idade moderna vinculada às mudanças estruturais que ocorreram nos séculos XVII e XVIII, época em que se instalou o modelo burguês na sociedade, projetando assim a ideologia e intenções dessa classe. A escola atende à educação infantil e ensino fundamental, oferecendo um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento integral. Na educação infantil, promove o desenvolvimento cognitivo, motor e social das crianças. No ensino fundamental, aprofunda os conhecimentos acadêmicos e desenvolve habilidades como responsabilidade, autonomia e pensamento crítico, preparando os alunos para os desafios futuros. A educação infantil é a primeira etapa da educação básica, atendendo crianças de 0 a 5 anos de idade. Nesta fase, a escola oferece um ambiente acolhedor e estimulante, que promove o desenvolvimento cognitivo, motor e social das crianças. As atividades são planejadas para desenvolver habilidades como a linguagem, a coordenação motora e a socialização. O ensino fundamental é a segunda etapa da educação básica, atendendo alunos de 6 a 14 anos de idade. Nesta fase, a escola oferece uma educação mais estruturada, com disciplinas como língua portuguesa, matemática, ciências e história. O objetivo é desenvolver habilidades como a leitura, a escrita, o raciocínio lógico e o pensamento crítico. A escola é essencial para o desenvolvimento integral das crianças e jovens, oferecendo um ambiente de aprendizagem e crescimento. Além de transmitir conhecimentos, a escola ajuda a desenvolver habilidades sociais, emocionais e cognitivas, preparando os alunos para os desafios da vida. A escola que atende à educação infantil e ensino fundamental é um ambiente de aprendizagem integral, que promove o crescimento e o sucesso dos alunos. É fundamental valorizar e apoiar a educação, garantindo que as crianças e jovens tenham acesso a uma educação de qualidade e possam alcançar seu pleno potencial.
PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil. Pré-escola. Alunos. Mudanças. Classe

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute sobre a importância da literatura infantil na pré-escola e mostrará que é de extrema necessidade que as crianças pequenas se interessem por um mundo da leitura, pois assim despertarão em si, sentimentos e prazer em ler e escrever.

Este, traz o tema “Escola que atende à Educação Infantil e Ensino Fundamental”. O mesmo surgiu quando se constatou que os alunos dos 1ºs anos do Ensino Fundamental da instituição pesquisada, apresentavam certa rejeição ao ser lhes oferecido livros ou ao serem levados para a biblioteca.

Frente a temática a problemática de pesquisa foi verificar os fatores que podem auxiliar no processo de leitura na Pré-escola. Definiu-se como objetivo geral para o desenvolvimento do mesmo investigar a contribuição que a Literatura Infantil pode dar para estimular no educando o hábito pela leitura na fase inicial do aprendizado.

Para desenvolvimento do projeto que originou o referido trabalho, realizou-se pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, considerando que esta proporciona maior familiaridade com o problema e maior aproximação com o cotidiano e as experiências vividas pelos próprios sujeitos, sendo o cenário da pesquisa uma escola que atende à

Educação Infantil e Ensino Fundamental.
Essas práticas de letramento podem e devem ser feitas, os projetos didáticos, incentivo à leitura a escola pode colaborar, com o uso dos então projetos pedagógicos é necessário ressaltar que essas práticas também os tornam pessoas letradas. É importante entender as diversas práticas, e o que os professores podem fazer para que isso ocorra.
No âmbito escolar, que deve haver esse comprometimento com essa prática literária, criar medidas cabíveis para a aproximação com as mesmas e devem ser conduzidas para a motivação destes alunos. O uso de prática de letramento literário é uma atividade a ser preparada pelos jovens, onde eles se reúnem de forma organizada para partilharem leituras de textos, declamações de poemas, apresentações musicais e artísticas. Essas atividades a serem feitas tornam mais interessantes o trabalho. Este tem como objetivo nos mostrar a importância da leitura na educação das crianças, tornando-as possíveis leitoras, onde lerão com prazer e gosto livros e gibis. E foi dividido em cinco capítulos, onde será apresentado temas relacionados à importância da literatura infantil na pré-escola.

O INÍCIO DA LITERATURA INFANTIL
Contudo, os escritores franceses não retiveram a exclusividade do desenvolvimento da literatura para crianças. A expansão desta deu-se simultaneamente na Inglaterra, país onde foi mais evidente sua associação a acontecimentos de fundo econômico e social que influíram na determinação das características adotadas.
Neste capítulo discutiremos o início da literatura infantil tanto no mundo quanto no Brasil, os primeiros escritores brasileiros e a influência que a revolução industrial teve para que a mesma ocupasse lugar de destaque na economia e um bem de consumo ao sistema capitalista.
Segundo Lajolo e Zilberman (2003), durante séculos as crianças não possuíam espaço exclusivamente para elas e, por muito tempo à mesma foi vista como um adulto em miniatura, mas com a chegada do século XVI conhecido também como Idade Moderna isso vai se transformando, e a mesma passa a ser considerada como diferente, devendo receber uma educação especial voltada para suas necessidades. Diante desse contexto começam a ocorrer mudanças, e a criança passa a desfrutar maior liberdade no que diz respeito à participação nos problemas sociais e familiares. A escola passa a ser a instituição que vai guiá-la formando-a de acordo com um determinado ideal. Surge então, a partir desse século a chamada literatura infantil, cujo objetivo era de integrar a criança ao mundo.
A origem da Literatura Infantil vincula-se às mudanças estruturais que ocorreram nos séculos XVII e XVIII, época em que se instalou o modelo burguês na sociedade, projetando assim a ideologia e intenções dessa classe. Os primeiros livros infantis foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII, período da revolução industrial na Inglaterra, antes disso não se produzia livros para crianças, pois eram considerados pequenos adultos (LAJOLO E ZILBERMAN, 2003).
Concernente ainda ao pensamento das autoras acima citadas, as primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disso, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura, também apropriada à infância; as fábulas, de La Fontaine, editada entre 1668 e 1694, as aventuras de Telêmaco, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717. A partir daí, a criança torna-se o centro em torno do qual se move o processo de criação e de produção de obras infantis.
A partir do século XVIII, com a ascensão da burguesia, as famílias tornaram-se nucleares promovendo a necessidade de formação pessoal do tipo profissionalizante, cognitivo, ético e pedagógico. Segundo Lajolo e Zilberman (2003, p. 17), o surgimento da educação obrigatória para as crianças e os contos de fadas foram bem aproveitados como transmissão de valores ideológicos da sociedade burguesa.
Como feito, as preocupações dos adultos com as crianças fizeram com que a literatura infantil ficasse vinculada às escolas e se tornasse numa reprodução dos valores

ideológicos do meio em que o adulto vive, a emergência da classe burguesa trouxe um novo conjunto de valores: a promoção de um governo sem influência da aristocracia, ascensão na sociedade, a livre iniciativa e a educação pessoal

Assim, pode-se dizer que a criança, cujo contato com o mundo se faz pelo ouvir e pelo ver, ganha o texto escrito, e por meio da escola tem acesso à cultura que o adulto usufrui, entretanto, esse modelo de ensino propicia à criança o contato com a literatura infantil recheada de ensinamentos, de normas e de moralismo. Além disso, a visão de mundo do adulto é passada à criança com alguma condescendência: a inserção de animais e fadas na narrativa ficcional, que servem como disfarce do autoritarismo e valores adultos (LAJOLO E ZILBERMAN 2003, p 23).

Desse modo, as mudanças históricas da geração adulta ocorridas vieram contribuir para o desenvolvimento da escola que teve a função de educar os filhos dos burgueses, classe social em ascensão na época, ocorrendo, então, um grande aumento na produção de uma literatura voltada para as crianças, pois acreditava-se que a literatura infantil poderia desenvolver melhor a capacidade intelectual dos pequenos leitores, despertando nos mesmos o pensamento crítico e um melhor desenvolvimento da linguagem.

A esse respeito afirmam Lajolo e Zilberman (2003) que os laços da literatura infantil com a escola são alvo de um incentivo maciço porque fortaleciam os ideais da classe média, pois a educação é um meio de ascensão social, e a literatura, um instrumento de seus valores como: a alfabetização, a leitura e o conhecimento.

Fica claro, portanto, que a ficção por contos históricos engloba um elenco abrangente de temas voltados ao setor que corresponde às exigências da sociedade. A literatura infantil tinha visão pedagógica que surgiu com a necessidade de educar as crianças.

Conforme Cunha (1993) a literatura é uma das produções humanas mais importantes para a formação do indivíduo, pois sua matéria é a palavra, o pensamento e as ideias, exatamente aquilo que desligue ou define específica do ser humano. É arte, fenômeno de criatividade que representa o mundo, a vida, enriquece a imaginação da criança, oferece-lhe condições de criar, ensinando-lhe a libertar-se pelo espírito, levando-a a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade

No Brasil a literatura infantil começou a transitar em meados do século XIX, as primeiras obras publicadas para crianças eram traduções de autores estrangeiros que, aos poucos, começam a dividir o mercado com as obras nacionais que surgem, servindo de apoio para a formação de uma identidade nacional.

A adaptação do modelo europeu que nos chegava geralmente através de Portugal, nesse primeiro momento a Literatura Brasileira, não exerceu apenas sobre o conto de fadas. Ocorreu também a apropriação brasileira de um projeto educativo e ideológico que via no texto infantil e na escola (e, principalmente, em ambos superpostos) aliados imprescindíveis para a formação de cidadão (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 32).

Diante disso, a literatura brasileira sofreu dificuldades para ser reconhecida como produto artístico e só foi oficializada na década de vinte, recebendo um novo figurino e inovação temática, aproximadamente a linguagem coloquial que caracterizava a fala brasileira. Segundo Lajolo e Zilberman (2003 p. 24), a história da literatura brasileira para a infância só começou tardiamente, nos arredores da proclamação da República, quando o país passava por inúmeras transformações.

Para Cunha (1993) no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo adaptadas de produção portuguesa, demonstrando a dependência típica das colônias, isso com o tempo foi mudando e as crianças da classe menos favorecidas passaram a ter também oportunidade. Enquanto as crianças da nobreza liam os grandes clássicos e as mais pobres liam lendas e contos folclóricos 1(literatura de cordel), muito populares na época, no entanto como tudo estava em fase de transformações e mudanças esse tipo de literatura também evoluiu para atingir ao público infantil: os clássicos sofreram adaptações e os contos folclóricos serviram de inspiração para os contos de fadas. Esses contos eram os preferidos das crian-

ças, pelo fato de distinguirem-se dos outros pela presença do elemento mágico. Por um lado, eles manipulavam os pequenos leitores mostrando-lhes um padrão de conduta a ser seguido e, por outro oferecia-lhes uma pluralidade de significados, ampliando e enriquecendo o universo infantil.

Os primeiros modelos de histórias não contavam apenas sobre o conto de fadas, mas sim eram um projeto educativo e ideológico que via nos textos infantis a escola como importante aliada para a formação de cidadãos. A literatura baseava-se numa formação de cunho pedagógico, ou seja, incutia normas e valores a serem seguidos pelas pessoas para que pudessem viver de maneira correta no meio social.

Verifica-se também que os primeiros escritos literários feitos para crianças foram produzidos por educadores, tendo um forte caráter educativo, pois visavam à manipulação do indivíduo.

Na tradição brasileira, literatura infantil e escola mantiveram sempre relações de dependência mútua. A escola conta com a literatura infantil para difundir—ataviados pelos envolvimentos da narrativa, ou pela força encantatória dos versos – sentimentos, conceitos, atitudes e comportamentos que lhe compete inculcar em sua clientela. (LAJOLO, 2001, p.66).

Logo, essa parceria fortalecia os ideais da classe média, pois a educação era um meio de ascensão social, e a literatura, um instrumento de difusão de valores, tais como a importância da alfabetização, da leitura, do conhecimento e do comportamento moralmente aceitável, esses aspectos fazem da literatura um elemento educativo.

Contudo, afirmam Lajolo e Zilberman (2003, p. 68) que no final do século XIX a situação começa mudar, nas primeiras décadas desse século, a literatura brasileira destinada à infância era totalmente dependente da europeia e o que é mais relevante e problemático, responsável pela difusão de uma visão conservadora de seus receptores e absolutamente preocupada em veicular noções didáticas e pedagógicas, fossem elas ligadas a questões religiosas, morais, educacionais ou de civismo.

É comum o aparecimento de textos folclóricos ou históricos nesse período, com a vantagem de mostrar esses fatos pelo ponto de vista das pessoas comuns e não dos heróis clássicos. As edições de livros para os leitores infantis tornam-se mais esmeradas em todos os seus detalhes e os ilustradores passam a ocupar uma posição privilegiada.

Monteiro Lobato preocupado com uma literatura voltada para a criança e para valores sociais, culturais e humanos publica: A menina do nariz arrebitado, livro didático que antecede vários outros em que o autor atualiza personagens já conhecidos dos contos de fadas tradicionais e mostra aos estudantes, de maneira crítica, temas atuais, abrindo assim novos caminhos para outros autores que investiram progressivamente na literatura voltada para o público infantil e com uma forma de expressão que seja verdadeiramente representativa do povo brasileiro. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p.46)

Nesse contexto, a literatura infantil serve de caminho para uma crítica social velada e para dar voz às minorias oprimidas, pois o alvo de maior observação por parte dos repressores é a literatura adulta. Esse fato faz com que, ao lado de uma literatura infantil massificada comece a surgir outra, mais crítica, demonstrando as diferenças presentes na sociedade.

Para Lajolo e Zilberman (2003, p. 25), a República veio favorecer o crescimento urbano, tendo um considerável aumento de consumo de bens culturais, com isso a literatura infantil passa a deter um novo papel perante o novo modelo social, fazendo-se ampliar a um número maior de pessoas. Ainda, nessa época há uma restauração dos contos de fadas tradicionais, que passam a ser usados como metáfora da vida social, política e econômica.

A revolução industrial repercutiu na organização social e nos valores da sociedade. Imersa nesse contexto, a literatura infantil amadurece e revigora-se, amplia seus aspectos, estritamente comprometidos com a pedagogia e a ética. Grande parte da literatura dedicada às crianças, produzida nesse período, estava diretamente relacionada à escola, conforme afirmam Lajolo e Zilberman,

Os laços entre literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança

para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca que a literatura de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos: e, de outro, como caudária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p.18).

Ressaltam ainda as autoras acima citadas que com a vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808 trouxe um crescimento social, cultural, econômico, político e arquitetônico entre inúmeros outros de suma importância para o crescimento e desenvolvimento do nosso país. O país começa a vislumbrar um sistema educacional, fator primordial para a existência de uma literatura infantil própria, começa então uma nova fase que abre amplas perspectivas à vida cultural da nação, surgindo uma nova dimensão ao ensino, investindo-se na formação de professores e na produção de livros textos, mas embora a Imprensa Régia, recentemente implantada, conferisse oficialmente ao Brasil uma atividade editorial, a produção de livros apresenta-se ainda precária.

Segundo Lajolo e Zilberman (2003), após 1964, a literatura infantil passa a ocupar um lugar de destaque no mercado, transformando-se em um bem de consumo adequado aos padrões do sistema capitalista. Não se pode esquecer ainda que a literatura para crianças cresceu por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos tecnológicos disponíveis, por esse motivo, assumiu também, desde o começo o papel de mercadoria, o livro foi o primeiro objeto produzido industrialmente, vale ressaltar que em grande quantidade e segundo a divisão do trabalho.

Após o modelo econômico desse Brasil republicano favorecer o aparecimento de um contingente urbano virtualmente consumidor de uns bens culturais, é preciso não esquecer a grande importância para literatura infantil, que saber passa a deter no novo modelo social que começa a se impor. Assim, também as campanhas pela instrução, pela alfabetização e pela escola davam retaguarda e prestígio aos esforços de dotar o Brasil de uma literatura infantil nacional (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p.28).

As indústrias passaram a produzir mais brinquedos e livros infantis e no ramo da ciência a pedagogia, a pediatria e a psicologia infantil passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do desenvolvimento da criança nos diversos aspectos.

O estudo da criança e sua evolução, aliados a renovação educativa sempre necessária e constante, vieram fortalecer a literatura infantil que passou a ser vista como um importante instrumento de propagação dos objetivos e valores dessa nova classe social emergente, (LAJOLO E ZILBERMAN, 2003,p.13).

Em 1992, providenciou a publicação desse livro, porém antes da publicação quando procurou a direção da editora, foi informado que suas obras só poderiam ser impressas ou editadas, sem o pagamento antecipado, no entanto não desistiu dos seus projetos, lutou e conseguiu publicar cinco mil exemplares, do livro todas em papel coche e páginas coloridas.

Ainda conforme entrevista, o livro voltado ao público infantil fez muito sucesso, levando-o a conquistar vários prêmios. Vale salientar, que Paulo Kawanami, hoje é Membro da Academia Brasileira de Literatura Infanto-juvenil com 13 obras editadas e já publicadas, entre elas: uma de poemas "Tempo de Amar" também em CD, e está lançando a coleção com 25 revistas intituladas, "Amazônia para as Crianças", "Amazônia do Coração da Gente"; "O Menino Plantador de Árvore", "Festa da Bicharada na Amazônia" e "Amazônia Animada".

Nossa consciência maior, é que a gente criou todo esse trabalho passando por momentos difíceis na vida, mas sempre com ideal de realmente proporcionar para as crianças, não uma literatura só de entretenimento, mas com o ensino até divino de forma que as crianças possam aprender de uma forma verdadeira, que essas crianças não se percam. Só mudamos através da educação. Para que os pais estimulem as crianças ao conhecimento verdadeiro. "A transformação do mundo começa pela educação das nossas crianças" (KAWANAMI, 2012, p.3).

Zilberman (2003, p. 15),

Concernente ainda ao pensamento das autoras acima citadas, as primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disso, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura, também apropriada à infância; as fábulas, de La Fontaine, editada entre 1668 e 1694, as aventuras de Telêmaco, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717. A partir daí, a criança torna-se o centro em torno do qual se move o processo de criação e de produção de obras infantis.

Contudo, os escritores franceses não retiveram a exclusividade do desenvolvimento da literatura para crianças. A expansão desta deu-se simultaneamente na Inglaterra, país onde foi mais evidente sua associação a acontecimentos de fundo econômico e social que influíram na determinação das características adotadas.

A partir do século XVIII, com a ascensão da burguesia, as famílias tornaram-se nucleares promovendo a necessidade de formação pessoal do tipo profissionalizante, cognitivo, ético e pedagógico. Segundo Lajolo e Zilberman (2003, p. 17), o surgimento da educação obrigatória para as crianças e os contos de fadas foram bem aproveitados como transmissão de valores ideológicos da sociedade burguesa.

Como feito, as preocupações dos adultos com as crianças fizeram com que a literatura infantil ficasse vinculada às escolas e se tornasse numa reprodução dos valores ideológicos do meio em que o adulto vive, a emergência da classe burguesa trouxe um novo conjunto de valores: a promoção de um governo sem influência da aristocracia, ascensão na sociedade, a livre iniciativa e a educação pessoal

Assim, pode-se dizer que a criança, cujo contato com o mundo se faz pelo ouvir e pelo ver, ganha o texto escrito, e por meio da escola tem acesso à cultura que o adulto usufrui, entretanto, esse modelo de ensino propicia à criança o contato com a literatura infantil recheada de ensinamentos, de normas e de moralismo. Além disso, a visão de mundo do adulto é passada à criança com alguma condescendência: a inserção de animais e fadas na narrativa ficcional, que servem como disfarce do autoritarismo e valores adultos (LAJOLO E ZILBERMAN, 2003, p 23).

Desse modo, as mudanças históricas da geração adulta ocorridas vieram contribuir para o desenvolvimento da escola que teve a função de educar os filhos dos burgueses, classe social em ascensão na época, ocorrendo, então, um grande aumento na produção de uma literatura voltada para as crianças, pois acreditava-se que a literatura infantil poderia desenvolver melhor a capacidade intelectual dos pequenos leitores, despertando nos mesmos o pensamento crítico e um melhor desenvolvimento da linguagem.

A esse respeito afirmam Lajolo e Zilberman (2003) que os laços da literatura infantil com a escola são alvo de um incentivo maciço porque fortaleciam os ideais da classe média, pois a educação é um meio de ascensão social, e a literatura, um instrumento de seus valores como: a alfabetização, a leitura e o conhecimento.

Fica claro, portanto, que a ficção por contos históricos engloba um elenco abrangente de temas voltados ao setor que corresponde às exigências da sociedade. A literatura infantil tinha visão pedagógica que surgiu com a necessidade de educar as crianças.

Conforme Cunha (1993) a literatura é uma das produções humanas mais importantes para a formação do indivíduo, pois sua matéria é a palavra, o pensamento e as ideias, exatamente aquilo que desligue ou define específica do ser humano. É arte, fenômeno de criatividade que representa o mundo, a vida, enriquece a imaginação da criança, oferece-lhe condições de criar, ensinando-lhe a libertar-se pelo espírito, levando-a a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade.

No Brasil a literatura infantil começou a transitar em meados do século XIX, as primeiras obras publicadas para crianças eram traduções de autores estrangeiros que, aos poucos, começaram a dividir o mercado com as obras nacionais que surgem, servindo de apoio para a formação de uma identidade nacional.

A adaptação do modelo europeu que nos chegava geralmente através de Portugal, nesse primeiro momento a Literatura Brasi-

leira, não exerceu apenas sobre o conto de fadas. Ocorreu também a apropriação brasileira de um projeto educativo e ideológico que via no texto infantil e na escola (e, principalmente, em ambos superpostos) aliados imprescindíveis para a formação de cidadão (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 32).

Os primeiros modelos de histórias não contavam apenas sobre o conto de fadas, mas sim eram um projeto educativo e ideológico que via nos textos infantis a escola como importante aliada para a formação de cidadãos. A literatura baseava-se numa formação de cunho pedagógico, ou seja, incutia normas e valores a serem seguidos pelas pessoas para que pudessem viver de maneira correta no meio social.

Verifica-se também que os primeiros escritos literários feitos para crianças foram produzidos por educadores, tendo um forte caráter educativo, pois visavam à manipulação do indivíduo.

Na tradição brasileira, literatura infantil e escola mantiveram sempre relações de dependência mútua. A escola conta com a literatura infantil para difundir atrativos pelo envolvimento da narrativa, ou pela força encantatória dos versos – sentimentos, conceitos, atitudes e comportamentos que lhe compete inculcar em sua clientela. (LAJOLO, 2001, p.66).

Logo, essa parceria fortalecia os ideais da classe média, pois a educação era um meio de ascensão social, e a literatura, um instrumento de difusão de valores, tais como a importância da alfabetização, da leitura, do conhecimento e do comportamento moralmente aceitável, esses aspectos fazem da literatura um elemento educativo.

Contudo, afirmam Lajolo e Zilberman (2003, p. 68) que no final do século XIX a situação começa mudar, nas primeiras décadas desse século, a literatura brasileira destinada à infância era totalmente dependente da europeia e o que é mais relevante e problemático, responsável pela difusão de uma visão conservadora de seus receptores e absolutamente preocupada em veicular noção didáticas e pedagógicas, fossem elas ligadas a questões religiosas, morais, educacionais ou de civismo.

É comum o aparecimento de textos folclóricos ou históricos nesse período, com a vantagem de mostrar esses fatos pelo ponto de vista das pessoas comuns e não dos heróis clássicos. As edições de livros para os leitores infantis tornam-se mais esmeradas em todos os seus detalhes e os ilustradores passam a ocupar uma posição privilegiada.

Monteiro Lobato preocupado com uma literatura voltada para a criança e para valores sociais, culturais e humanos publica: A menina do nariz arrebitado, livro didático que antecede vários outros em que o autor atualiza personagens já conhecidos dos contos de fadas tradicionais e mostra aos estudantes, de maneira crítica, temas atuais, abrindo assim novos caminhos para outros autores que investiram progressivamente na literatura voltada para o público infantil e com uma forma de expressão que seja verdadeiramente representativa do povo brasileiro. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p.46)

Nesse contexto, a literatura infantil serve de caminho para uma crítica social velada e para dar voz às minorias oprimidas, pois o alvo de maior observação por parte dos repressores é a literatura adulta. Esse fato faz com que, ao lado de uma literatura infantil massificada comece a surgir outra, mais crítica, demonstrando as diferenças presentes na sociedade.

Para Lajolo e Zilberman (2003, p. 25), a República veio favorecer o crescimento urbano, tendo um considerável aumento de consumo de bens culturais, com isso a literatura infantil passa a deter um novo papel perante o novo modelo social, fazendo-se ampliar a um número maior de pessoas. Ainda, nessa época há uma restauração dos contos de fadas tradicionais, que passam a ser usados como metáfora da vida social, política e econômica.

A revolução industrial repercutiu na organização social e nos valores da sociedade. Imersa nesse contexto, a literatura infantil amadurece e revigora-se, amplia seus aspectos, estritamente comprometidos com a pedagogia e a ética. Grande parte da literatura dedicada às crianças, produzida nesse período, estava diretamente relacionada à escola, conforme afirmam Lajolo e Zilberman,

Os laços entre literatura e a escola começam

desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca que a literatura de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos: e, de outro, como caudária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p.18).

Ressaltam ainda as autoras acima citadas que com a vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808 trouxe um crescimento social, cultural, econômico, político e arquitetônico entre inúmeros outros de suma importância para o crescimento e desenvolvimento do nosso país.

Diante disso, a literatura brasileira sofreu dificuldades para ser reconhecida como produto artístico e só foi oficializada na década de vinte, recebendo um novo figurino e inovação temática, aproximadamente a linguagem coloquial que caracterizava a fala brasileira. Segundo Lajolo e Zilberman (2003 p. 24), a história da literatura brasileira para a infância só começou tardiamente, nos arredores da proclamação da República, quando o país passava por inúmeras transformações.

Para Cunha (1993) no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo adaptadas de produção portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias, isso com o tempo foi mudando e as crianças da classe menos favorecidas passaram a ter também oportunidade. Enquanto as crianças da nobreza liam os grandes clássicos e as mais pobres liam lendas e contos folclóricos 1(literatura de cordel), muito populares na época, no entanto como tudo estava em fase de transformações e mudanças esse tipo de literatura também evoluiu para atingir ao público infantil: os clássicos sofreram adaptações e os contos folclóricos serviram de inspiração para os contos de fadas. Esses contos eram os preferidos das crianças, pelo fato de distinguirem-se dos outros pela presença do elemento mágico. Por um lado, eles manipulavam os pequenos leitores mostrando-lhes um padrão de conduta a ser seguido e, por outro oferecia-lhes uma pluralidade de significados, ampliando e enriquecendo o universo infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do desenvolvimento que originou o presente trabalho pode-se constatar que os quatro professores aderiram ao projeto “Contanto e recontando história’ que teve como objetivo incentivar os educadores a trabalharem a literatura infantil na fase pré-escolar do educando.

O ponto principal foi transmitir aos pais e professores, a importância da literatura infantil na fase da pré-escola dessas crianças. Fazendo com que as tornem leitoras assíduas e sintam um enorme prazer em ler, entendendo que não devemos manusear a leitura como uma obrigação ou chantagem e sim, de forma prazerosa, proporcionando-as lugares aconchegantes e tranquilos para isso.

Portanto espera-se que o presente trabalho venha contribuir para que tanto educadores quanto pais despertem para a necessidade de trabalhar desde os primeiros anos escolares a literatura infantil com seus alunos e filhos, pois é através dela que o aluno despertará o prazer em ler e se tornará um grande leitor no futuro. Com isso, incentivará todos ao seu redor para que leiam também e transmitirá alegria e dedicação à leitura.

Através deste trabalho pode-se constatar que literatura infantil data desde o século XVI, passou por várias fases e chegou ao Brasil na Idade Moderna, através da burguesia.

Nos dias atuais ouve-se frequentemente que a criança não se interessa mais por histórias infantis ou contos de fada, talvez a fantasia destes pensamentos esteja no fato do educador não ter sido qualificado para trabalhar com educação infantil, pois a criança sempre trará consigo as necessidades de sua faixa etária. Constata-se através de pesquisas que leitura pode transformar não só o mundo das crianças como dos adultos também.

Faz-se necessário reconhecer que a literatura infantil é de grande valia na fase de desenvolvimento da criança e contribuiu para essa troca de conhecimento, é o fato de ser uma proposta dinâmica, divertida e prazerosa. As contações de histórias são muito valorizadas por parte das crianças, isto prende a

atenção das mesmas nas histórias contadas, contribuindo e participando.
Nota-se que a literatura infantil é um método que os educadores que trabalham com educação infantil deveriam utilizar, pois percebe-se que é uma motivação para os alunos estarem construindo conhecimentos, tornando a criança ativa e participativa. Dessa forma a aprendizagem se tornará significativa fazendo se cumprir o que reza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu Artigo 29º "A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade".

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

BAMBERG, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Ática, 2000. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
CARVALHO, Marlene. Guia prático para o alfabetizador. São Paulo: Ática, 2003.

CRAIDY, Carmem; GLÁDIS, Elise K. Educação infantil. Porto Alegre, Artmed, 2001.

CUNHA, Maria A. A. Literatura Infantil: Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 1993.

CURY. Roberto J. LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei 9394/96. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

DOXSEY, Jaime Roy Doxsey. Módulo de Metodologia Da Pesquisa Científica. ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil 2009.

FARIA, Maria A. Como usar a literatura infantil na sala de aula. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FILHO, Paulo B. Pela leitura literária na escola de 1º grau. São Paulo: Ática, 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 32. ed. São Paulo: Terra e paz, 1997.

GARCIA, Regina L. Em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GOBBI, Beatriz Christo. Leitura literária. Escola Superior Aberta do Brasil – Vila Velha, ES, 2012.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LINS, Guto. Livro Infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade. São Paulo Rosari, 2002.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 2000.
REGO, Lucia Lins Browne. Literatura Infantil uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola. 2 ed. São Paulo. FTD, 1995.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. Literatura infantil brasileira: história & histórias. São Paulo: Ática, 2003.

_____, Regina; LAJOLO, Marisa. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.